

Penna, Agulha e Galher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcêa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno VIII—Num. 45

Anno II

Florianopolis, 24 de Agosto de 1918

Num. 2

Uma syndicancia

A' estimada Zenir

Mui cordiaes saudações

Uma vez mais, profundamente reconhecida, apresento meus agradecimentos ás generosas collegas e pessoas que me honraram no 3º. torneio charadístico, votando em o meu humilde logogripho n.º. 87.

Meus agradecimentos tambem por suas bondosas felicitações.

A' sennorita Edésia Aducci e a dona Alzira da Costa e Silva effusivamente envio meus parabens pelo seu triumpho, como decifradoras peritas.

Agora, preparemo-nos para brindar o nosso querido jornalzinho pelo seu 1º. anniversario de lutas e de glorias.

Mas... Hum!...

Temos «mouros na costa», Zenir?!...

Não quererás dizer-me quem é esse Sr. Valeriano de Souza, autor dos versos «A mãe christã», insertos em o nosso jornalzinho, que é, como disseste, «a secção terminna da E'poca», o jornalzinho das donas e donzellas?...

Os versos são de uma perfeita moral christã, sim, não ha duvida; mas...

Oha, Zenir, eu, no teu lugar, isto é, no lugar de directora da «Penna», falaria ao tal senhor Valeriano como Calypso ao jovem Telemaco, quando este aportou aos seus domínios; pois, bem sabes tu, querida, que, na secção exclusivamente feminina, não devemos admittir alguém que venha trajando calças e fraque, e... nem mesmo jupe-culotte; portanto: «d'ou vous vient cette temerite d'aborder dans mon île? Sachez, jeune étranger...»

Mas, talvez aquillo fôsse um engano, um erro typographico, ou algum pseudonymo masculino...

Embora! E' inadmissivel!

E... queira desculpar me o Sr. Valeriano de Souza.

Palhoça, 5-8-1918.

Heloisa

A E'POCA encontra-se a venda durante toda a semana na casa do sr. Amadeu Beck, á rua Felippe Schmidt 5, e na casa «Grecia», á praça 15 de Novembro.

Desfazendo um engano

Cara Heloisa

Por ter chegado um pouco tarde, não pôde sahir, no domingo passado, comó deves ter visto, o artigo que me enviaste, pelo correio, o qual passo a responder, e assim serão publicadas no mesmo dia a pergunta e a explicação.

Então... ficaste aborrecida com o Sr. Valeriano de Souza, por ter entrado na nossa secção?

Pois olha, o coitado nenhuma culpa tem: a unica culpada sou eu, porque, não tendo recebido, naquella semana, collaboração sufficiente, mandei transcrever, á ultima hora, aquella poesia, por achal-a digna de figurar no nosso jornalzinho, já que *algumas das collaboradoras são tão remissas...* Achas que fiz mal?

Pois bem, não o farei mais, porém... sob uma condição, isto é, só si todas as collaboradoras, e principalmente aquellas que *nunca mais deram um ar de sua graça*, só si as collaboradoras, digo, se propuzerem ser mais *activas*.

E tu, Heloisa, que és a mais valente, encarregar-te-ás de animal-as, de vez em quando, com algum artigo de estímulo, queres?

Não te será difficil fazel-o, porque talento não te falta, graças a Deus. Eu, além de não saber escrever como tu, disponho de pouco tempo, por isso... difficil me é escrever todas as semanas; tenho convidado e animado, porém, verbalmente e por meio de cartas, e, felizmente, já conseguí que estresse, no dia 18. Nora Sanfelice, jovem patricia, que muito promette, si tiver constancia na carreira encetada. Outras promessas ainda não foram cumpridas, mas espero que o sejam em breve.

Estreou tambem Violeta, no dia 18, o que faz presagiar collaboração feminina sufficiente, e então... não precisaremos lançar mão do ultimo recurso, as transcripções, e assim não admittiremos, na nossa secção, *alguém que venha trajando calças e fraque*.

Da jupe-culotte... Deus nos defenda! Nem

falar nisso e bom! Para terminar digo, portanto, mais uma vez, que o Sr. Valeriano de Souza nem sabe que a sua poesia provocou as linhas que me escreveste nem as que ora te escrevo; elle só me prestou auxilio, sem o saber.

Não lhe queiras mal, por conseguinte, mas a mim tão sómente, *por culpa tambem de minhas gentis collaboradoras*. Não me deixem ellas só, e o facto não se repetirá! Perdôa a falta de tua

Zenir Alcêa.

Novo anno de lutas

Ninguém chame Zenir de vaidosa pela transcripção que se vae ler. E de interesse para todas as nossas leitoras conhecer o que se pensa e espera da «P., A. e C.» narração da «Época»:

PRIMEIRO ANNIVERSARIO

A Odysséa, todos o sabem, é o poema em que Homero contou genialmente uma viagem attribulada de Ulysses.

Hoje, é frequente uma odysséa de outra espécie. Não se trata do vaguear de monarchas, mas das travessias cheias de riscos e sobresaltos, a que se lançam, pelo mar da publicidade, as naus mais ou menos frágeis que são os jornaes de terras pequenas.

Desastres, há-os todos os dias, com perdas de haveres, achaques na saúde dos marujos, desgostos de «armadores», «passageiros», «carregadores» e demais interessados em empresas destas.

Muitas naus se sohem na primeira excursão; outras navegam umas semanas, uns meses, e sossobram por fim.

Algumas nem chegam a deixar o estaleiro, desconjuntando-se antes de provarem o embate das águas.

Timoneiro que sou da «Época» — um desses barquinhos inseguros — bem conheço já os riscos, os sobresaltos, as perdas, os achaques, os desgostos da vida de imprensa, que mais se agravam quando o jornalista é caprichoso na feitura geral do seu órgão e severo na escolha de tudo o que publica.

Estou, pois, se me não engano, sofirivelmente aparelhado para julgar destes assumptos.

Isto posto, é com admiração respeitosa que passo a assignalar a entrada, amanhã, do supplemento feminino da «Época» em seu segundo anno de vida.

A «Penna, Aguilhão e Colher», semanário de donas e doazellas, muito honra o esforço e intelligência das nossas conterrâneas.

Semana por semana, tem dilatado sua raia de acção, augurando novas assignantes e collaboradoras.

Em um anno de vida fez notavel progresso: era a princípio uma secção da «Época», occupando nella duas columnas; passou depois a ter paginação especial; tomou por fim feitiço de jornal, tendo há dias augmentado em muito o formato.

Graças á boa vontade, á constância, á dedicação de Zenir Alcêa, pseudónimo duma distinctíssima senhorinha de nossa capital, tem garantida a manutenção. Zenir não conhece desânimo, nem esmorecimento; e o seu bom exemplo é fecundo: coadjuvanna grandemente d. Delminda Silveira e d. Edésia Aducci dois talentos activos e vastos; obedecem-lhe á direcção esclarecida as modestas e mysteriosas He'oisá, Açucena do Valle, Pabóia, Guilhermina, Iguez, Titia Xanda, Zanessa, Léa Theima e muitas outras.

A «P., A. e C.» em um anno proporecionou ás suas ledoras a mais variada matéria: comédias, contos, poesias, charadas, artigos religiosos, receitas, jogos.

E mais fará ainda, se lhe não faltar o apoio das jovens e senhoras. Sei que é do seu programma uma secção de bordados e costuras, com illustrações, justificando-se então plenamente o nome que lhe foi posto.

Consegui-lo-á?

Estou que sim, pois a mulher, quando sabe querer, sabe tambem realizar.

Acompanho com interesse e sympathia os esforços dessas dedicadas patriças.

Todas as semanas transmito aos typógraphos os seus originaes vaza os numas letrinhas esmeradamente legiveis, que bem os consolam das máscaras garotujas de quasi todas as tirás destinadas á «Época». Hoje, é esta quem entrega ás talentosas jornalistas uma bruxada de flores, com voos pela sua prosperidade e pela da folha a que dão impulso e brilho e encanto.

Epólis, 17 de Agosto de 1918.

Pe. Thomás Fontes

D. Delminda Silveira, a eminente poetisa que tanto fulgir tem emprestado ás paginazinhas da «P. A. e C.» enviou-nos um benevolentissimo cartão de parabens.

Recebemos tambem este: «Querida Zenir Quando recebi a nossa «P., A. e C.» toda festiva, marcando o seu primeiro anniversario, senti, no peito, mais forte pulsar-me o coração de puro enthusiasmo e justo orgullo, pelo seu e nosso triumpho. Eu ristei-me, porém, vendo que não comparecera ao doce festival da apreciavel

«Penna» a penna — insignificante, embora, — da desprezenciosa Heloisa.

Mimoseou-me o frio com uma intensa bronchite que não me deu descanso, nem disposição para escrever.

Assim, só agora posso, abraçando-te com affecto, enviar-te, num ramalhete das flores da minha alma, este singelo brinde brotado do coração: Viva a Penna, Agulha e Colher!

Palhoça, 19-8-1918.

He'oisa

María

María!... Nome sublime e santo, que nos lembra a magnificencia das excelsas virtudes da Mãe de Deus!

María!... Não ha coração nem lingua, que não tenha, ao menos uma vez em sua vida, pronunciado com respeito o vosso dulcíssimo nome!

E quem sabe si até os impios, num momento de afflicção, lembrando-se da vossa pureza, não vos terão louvado, dizendo com affecto: Virgem Maria!?

Mas quando?! talvez me perguntem elles agora, quando louvámos Maria, si odiamos a Deus, e si jurámos guerra á sua Igreja?!...

E eu, como resposta, perguntar-lhes ei com amor: Em tal ou tal dia, quando o Anjo da morte, entrando em vossa casa, queria arrebatá, com a sua foice inexorável, a vida, quem sabe? da pessoa para vós mais cara... um filhinho estremeado... a esposa muito amada... não dirigistes á Virgem Maria, Mãe dos afflictos, um pedido lacrimoso? Não lhe fizestes alguma promessa?... De certo que sim.

E não foi isto um louvor a Maria?... Uma prova da vossa fé, quasi morta?

E quantos beneficios não teríeis recebido da augusta Rainha do céu e da terra, si tivesseis perseverado a pedir-lhe, com fé, os seus favores!

Agora dizei-me: podereis acreditar na santidade e poder da Mãe de Deus, sem crer na religião de seu Divino Filho?...

Com'o foi que Maria cresceu em santidade? Não foi, acaso, seguindo á risca as palavras de Deus e exemplos de Jesus, o fundador da Igreja Catholica?

Ah! eu bem sei que não ha quem não acredite na existencia de um Deus creador do céu e da terra; que não ha quem não acredite na infinita justiça de Deus e no poder da sua misericordia; mas... infelizmente, é preciso, é necessario até que o homem sem character... diga que não ha Deus, que não é necessario praticar a reli-

gião, e que só os ignorantes a professam!

Mas dentro do seu coração (si é que elle ainda não se converteu em pedra), quanto temor... quanta inquietação... quanto remorso...

E sabeis por que elles falam assim?

Porque... nunca estudaram o catecismo, ou, si o estudaram, a sua intelligencia não esteve ao alcance de comprehendê-lo.

E são sempre esses que se convertem em juizes, querendo a todos sentenciar!...

Coitados! não se lembram que na hora da morte serão julgados pelo Juiz Supremo, a quem nada é occulto e que dará o premio a cada um, segundo as suas obras!

E qual será o premio daquelles que no mundo só procuram ridicularizar o que ha de mais santo, estimando, pelo contrario, o que deviam detestar?!

Dizem muitos que não podem crer, e no entanto crêem tudo o que qual'quer ignorante lhes diz...

O' meu Deus! illuminai-os e convertei-os, antes que sôe sua hora final!...

E a Vós, Virgem Maria, a Vós, que nunca deixais de ouvir as nossas supplicas, eu peço: guiai aquelles que, sem o'harem á bussola que lhes indica o porto em que devem ancorar, atiram-se, desastradamente, num frágil batel, sobre as ondas encapeladas do oceano da vida! Fazei, Mãe querida, brilhar tão fortemente sobre esses transviados, um raio da divina luz que, penetrando no amago do seu coração, os leve ao porto celestial!

Florianopolis, 15 de Agosto de 1918.

Açucena do Valle

Contenta-te com o que és!

Fabula dramatica em 5 peçucinhos actos

Adaptação de Edísia Aducci

ACTO V

O scenario do 1.º acto

SCENA VI

Carlota e Rosinha

CARLOTA — Fica! Não tenhas medo porque o anjo disse que elles agora nos conhecerão. (Rosinha volta.)

SCENA VII

Entram o principe, a princeza e Severina

CARLOTA — (vae ao seu encontro, quasi chorando) O' queridos pais, perdoai-me! Eu tinha sido transformada em uma camponezinha, e Rosa estava em meu lugar. Perdoai-me, porque daqui em diante estarei sempre contente!

SEVERINA — Ah! agora comprehendo tudo!

(*Continúa*)

RENNA, AGULHA E COLHER

—Publicação semanal—
Assignaturas

Anno. 2\$000
Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 1\$000.

Diario da Filha de Maria

Recoser a vida

III

Mas que é, porventura, um dia assim retalhado, assim roto, assim entregue á phantasia ?

Não será semelhante a esse tecido de que já falámos, o qual não offerece, aos nossos olhos, sinão buracos ?!

Oh! attendei, vós que ainda não estais separados de Deus, e vêde si não mettem medo os dias assim vazios de boas obras !

E não sabeis por que ?

E' que o vacuo material e intellectual é sempre a imagem, cu, melhor, o reflexo do vacuo que se faz lentamente na alma.

E o vacuo da alma — é a alma sem Deus; ora, a alma sem Deus é: a alma sem luz que a esclareça, sem força que a sustente e a levante, sem um director que a conduza, sem uma affeição pela qual se dedique, sem paz (e, sem paz, como contribuir para a felicidade do proximo ?), sem a vontade de tornar-se sempre mais bella, mais pura, mais generosa !

(Continúa)

3) ANCILLA DOMINI

O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

25 de Julho

Usando de minha legitima autoridade, reformei todo o jardim, deixando intacto apenas o caramanchão, que é um mimo, um sonho de fadas, todo coberto de campanulas cor de rosa. Ali passo grande parte do dia a ler e a trabalhar. Mandei plantar 50 roseiras de qualidade e outros tantos craveiros de S. Paulo. Tenho toda a orla de um longo canteiro plantada de pés de amores-perfeitos, flôr de minha predilecção, por causa talvez de seu ar profundamente melancolico. Destruí sem dó nem piedade as dahlías. Que flôr sem espirito !

O amor-perfeito é todo reflexão, ternura, saudade, pensamento, recordação... Não pos-

so vêr uma flôr dessas sem pensar em minha mãe. A dahlia, porém, é ôca, pretenciosa, atrevida, toda emproada em seu longo caule desgracioso. Si o perfume representa a alma da flôr, a dahlia deve ter todos os defeitos que a minha imaginação lhe dá, pois exhala cheiro desagradavel e máu.

A violeta é outra queridinha de meu coração, tão tímida e recatada, tão humilde e simples em sua pobreza de côr, em sua vida rasteira, ao rez da terra ! Não fôra o perfume de sua alma...

Numerosos bulbos de lirios plantei com minhas mãos...

Essas flôres nos meus momentos de divagações tomam vulto. O amor-perfeito é João Evangelista pousando a fronte sobre o coração do Mestre, e aprendendo naquella escola as palavras inflammadas de amor...

A violeta é ora Francisco de Sales com sua alma perfumada de humildade, ora a santa viuva que esse santo dirigiu.

Dominios da Esphinge

Quarto torneio charadistico

(Julho, Agosto e Setembro)

54—57) NOVISSIMAS

A' Gaúcha, Regina Florum e Marilia

Com a nota não mexa. Que historia! — 1,2.

Possue em Florianópolis lazer? — 1,1.

Escreve de choite com ornato — 2,1.

Estudei o aspecto do liquido — 1,1.

R. C.

Receitas

Bolo preto e branco

Este bolo é feito em fatias assadas separadamente.

Bolo branco — Quatro claras, quatro colheres de assucar, quatro colheres de manteiga. Batem-se bem as claras, juntando-se em seguida o assucar, que já foi batido com a manteiga, e, por ultimo, a farinha de trigo com uma colherinha de fermento inglez. Assa-se em latas de gorabada.

Bolo preto — Seis gemmas, seis colheres de assucar, tres colheres de farinha de trigo, quatro colheres de pó de chocolate, uma colherinha de fermento, quatro colheres de manteiga. Faz-se da mesma maneira que o branco.

Para unir as massas faz-se uma massa com 200 grammas de amendoas passadas na machina numa calda em ponto de fio (200 grammas, de assucar com pouca agua). Cobre-se tambem o bolo com essa mesma massa e enfeita-se com nozeas.